



Evidências de validade da versão portuguesa do Questionário de Dependência Emocional

Ana Rodrigues^a, & Joana Arantes^b

^a M.Sc., Universidade do Minho, Braga, Portugal.

^b PhD, Universidade do Minho, Braga, Portugal. E-mail: joana.arantes@psi.uminho.pt

Copyright © 2021.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 3.0 (CC BY-NC-ND).

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/>



Open Access

Resumo

Este estudo teve como principal objetivo adaptar e validar o Questionário de Dependência Emocional (QDE; Hoyos & Arredondo, 2006) para a população portuguesa. O QDE é um instrumento de avaliação da dependência emocional para indivíduos que se encontram numa relação amorosa. A nossa amostra foi constituída por 173 casais heterossexuais (N = 346; 173 homens e 173 mulheres), com idades compreendidas entre os 18 e os 59 anos (M = 30.94; DP = 10.62). Os resultados revelaram uma estrutura fatorial semelhante à escala original, uma elevada consistência interna ($\alpha = .91$) e bons índices de validade convergente. Sendo assim, este questionário poderá ser utilizado no contexto português com a finalidade de contribuir para a investigação e para o conhecimento acerca da dependência emocional e, por consequência, facilitar a intervenção na área clínica e forense em indivíduos e casais que sofram com esta problemática.

Palavras-chave

Dependência emocional, relacionamentos amorosos, auto-estima, casais, validação.

Introdução

Ao longo dos anos, estudos sobre dependências têm vindo a revelar que estas não estão apenas relacionadas às substâncias, mas sim a uma carência afetiva e insatisfação pessoal (Echebúrua & Corral 2010). Muitos indivíduos têm comportamentos aditivos nas relações amorosas, sendo esta problemática denominada frequentemente de dependência emocional (Sirvent, 2000). Embora exista um consenso acerca do seu significado, vários autores usam diferentes nomenclaturas, tal como adição ao amor (Sussman, 2010), amor patológico (Sophia et al., 2009), dependência romântica (Hernandez & Oliveira, 2003) e dependência interpessoal (Hirschfeld et al., 1977).

A dependência emocional é caracterizada por uma necessidade afetiva extrema do seu companheiro (Castelló, 2005) baseada em crenças disfuncionais acerca de si mesmo e das suas relações interpessoais (Hoyos & Arredondo, 2006). Para o elemento dependente, o seu companheiro é insubstituível (Jackson, 2012), acabando por desvalorizar as suas próprias necessidades e ter comportamentos com o objetivo de manter o companheiro na relação, colocando-o no centro da sua vida e prestando-lhe cuidados de uma forma excessiva (Castelló, 2000). O facto de ter um medo extremo do término da relação e até mesmo da solidão (Hoyos & Arredondo, 2006; Moral-Jiménez & Sirvent-Ruiz, 2009) tem influências negativas em si próprio e na sua relação amorosa, uma vez que este fica vulnerável e tende a adotar um papel submisso à sua relação, ao mesmo tempo que é também extremamente exigente com o seu companheiro (Castelló, 2005; Moral-Jiménez & Sirvent-Ruiz, 2009). O desenvolvimento da dependência emocional está relacionado com experiências familiares (Estévez et al., 2018) e com os estilos de vinculação insegura (evitante ou ansioso-ambivalente), criando um padrão nas relações interpessoais ao longo da sua vida (Alonso-Arbiol et al., 2002; Reynaud et al., 2010; Sophia et al., 2009). A dependência emocional está associada a outros sintomas psicopatológicos, como ansiedade, depressão, sensibilidade interpessoal, hostilidade, pensamentos obsessivos, ideação paranoide, psicoticismo e perturbações de sono (Camarillo et al., 2020; Santamaría et al., 2015; Urbiola et al., 2017).

Vários estudos revelam que a dependência emocional está também relacionada com baixa auto-estima (Castelló, 2005; Urbiola et al., 2017). De modo a manter o relacionamento, estes indivíduos apresentam muitas vezes comportamentos auto-destrutivos (Hoyos & Arredondo, 2006). Além disso, têm uma tendência para tolerar comportamentos agressivos dos companheiros (Tello, 2015). Deste modo, a dependência emocional está fortemente associada com a violência doméstica, física e psicológica (Ponzetti et al., 1982), não apenas como vítimas (Douglas, 1991) mas também como agressores (Kane et al., 2000).

Como os indivíduos com dependência emocional sobrevalorizam as relações amorosas, não têm consciência dos efeitos adversos das mesmas nas suas vidas (Castelló, 2005; Moral-Jiménez & Sirvent-Ruiz, 2009; Sussman, 2010). Há poucos indivíduos a procurar ajuda profissional para lidar com este problema, excepto numa fase de rotura da relação em que procuram, através dessa ajuda, recuperar a relação perdida (Sirvent, 2000). As mulheres têm mais tendência a procurar ajuda profissional (Stiver, 1991), enquanto que os homens reportam este problema camuflado pelo excessivo consumo de álcool, stress ou até mesmo

depressão (Sirvent, 2000). Além disso, enquanto que as mulheres justificam a sua dependência emocional por razões financeiras, os homens revelam que as suas companheiras são essenciais para se sentirem especiais, felizes e também para promoverem um futuro promissor aos seus filhos (Senn et al., 2010; Sussman, 2010). Importa salientar que atualmente ainda há uma grande dificuldade em identificar este problema, quer pelos indivíduos que apresentam esta dependência, quer pelos profissionais de saúde (Bution & Wechsler, 2016). Deste modo, é necessário que existam instrumentos de avaliação que possam contribuir para mais investigações acerca da dependência emocional e, conseqüentemente, para uma intervenção clínica adequada para estes indivíduos.

A literatura apresenta diversos instrumentos que avaliam a dependência emocional, como o Emocional Dependency Questionnaire (EDQ; Henderson & Cunningham, 1993), Spouse Specific Dependency Scale (SSDS; Rathus & O'Leary, 1997), Interpersonal Dependency Inventory (IDI; Hirschfeld et al., 1997), Relationship Profile Test (RPT; Bornstein et al., 2002), Inventario de Dependencia Emocional (IDE; Aiquipa, 2012), Cuestionário de Dependencia Emocional (CDE; Hoyos & Londoño, 2014), Dependencia Emocional en el Noviazgo (DEN; Urbiola et al., 2014), Love Adicction Inventory (LAI; Costa et al., 2019) e Partner's Emotional Dependency Scale (PEDS; Camarillo et al., 2020). Porém, nenhum destes instrumentos se encontram adaptados para a população portuguesa.

Após uma revisão de instrumentos utilizados, verificou-se que alguns se centram mais na avaliação da perturbação de personalidade dependente do que na dependência emocional no parceiro (e.g., SSDS, IDI; RPT), são demasiado extensos para que possam ser utilizados com facilidade em diferentes contextos aplicados e de investigação (e.g., EDEE, IDE), foram desenvolvidos para populações específicas, como adolescentes e jovens, ou mulheres (e.g., DEN; EDQ), e basearam-se numa amostra muito reduzida (e.g., PEDS). Constatou-se ainda que o CDE, desenvolvido por Hoyos e Londoño (2006), apresenta uma base teórica consistente, foi desenvolvido para a população em geral, baseou-se numa amostra extensa e tem excelentes qualidades psicométricas. Este questionário foi construído com base teórica no Modelo da Terapia Cognitiva de Beck (Beck et al., 1995) com o objetivo de criar um perfil adequado para os dependentes emocionais. Aborda crenças pessoais, a nível cognitivo, emocional e social (e.g., desvalorização pessoal), crenças sobre perceção do parceiro, a nível cognitivo, emocional e social (e.g., o companheiro é insubstituível), situações que causam desconforto e geram estados emocionais intensos (e.g., término do relacionamento) e também estratégias interpessoais (e.g., procurar atenção do companheiro). É composto por 23 itens e seis fatores, nomeadamente: i) ansiedade de separação, referindo-se a expressões emocionais perante a possibilidade de término da relação; ii) expressão afetiva, caracterizada pela necessidade extrema que o seu companheiro demonstre expressões de afeto de forma a garantir a relação; iii) modificação de planos, de modo a usufruir mais tempo com o seu companheiro; iv) medo da solidão, mais especificamente de ficar sem uma relação amorosa ou de não se sentir amado; v) expressão limite, caracterizada por expressões auto-destrutivas e impulsivas perante a possibilidade de término da relação; e vi) procura de atenção, com o objetivo de ter a exclusividade do companheiro.

Vários autores utilizaram este instrumento para os seus estudos (e.g., Fôñseca et al., 2020; Ventura & Caycho, 2016). Por exemplo, Jaramillo e Hoyos (2009) investigaram possíveis esquemas disruptivos em indivíduos com níveis de dependência emocional elevada e verificaram que estes não se consideram dignos do amor e respeito dos companheiros, revelam preocupações sobre o abandono, apresentam níveis elevados de ansiedade e têm dificuldade em ter uma relação estável. Siabato e Salamanca (2015) pretenderam identificar os fatores de risco associados à ideação suicida em estudantes universitários e descobriram que a dependência emocional é um preditor da ideação suicida. Recentemente, Barbarias et al. (2019) verificaram que o abuso de álcool, a preocupação com a família, a interferência dos pais, a auto-suficiência, o ressentimento contra os pais, autoridade parental e os traumas de infância estão positivamente correlacionados com a dependência emocional. Além disso, o estudo de Moral-Jiménez e González-Sáez (2019) mostrou que os indivíduos com dependência emocional têm tendência a ter distorções cognitivas que levam, entre outras coisas, à sobrevalorização das situações, à generalização excessiva e à culpabilização e responsabilização do outro. Diversos estudos utilizaram ainda este instrumento para analisar a relação entre a dependência emocional e a violência doméstica (Moreno & Osorio 2013; Meza, 2016), com recurso a uma amostra de mulheres vítimas de violência psicológica e física por parte dos companheiros, reforçando que as vítimas de violência doméstica tendem a ter níveis elevados de dependência emocional.

Considerando a relevância que as relações íntimas têm na vida dos indivíduos, e o impacto negativo da dependência emocional, o objetivo do presente estudo é adaptar e validar para a população portuguesa o CDE (Hoyos & Londoño, 2006), doravante designado de Questionário de Dependência Emocional (QDE). Deste modo, iremos avaliar as propriedades psicométricas do instrumento, com o intuito de que este possa ser futuramente utilizado em contexto clínico (e.g., terapia de casal) e forense (e.g., em situações de violência doméstica). Além disso, este instrumento poderá ser também utilizado em investigações futuras realizadas com a população portuguesa, contribuindo para o estudo dos relacionamentos íntimos em Portugal.

Métodos

Participantes

Participaram neste estudo 176 casais ($N = 352$) que se encontram num relacionamento amoroso. Com base no questionário sociodemográfico, foram eliminados 3 casais ($n = 6$) que estão envolvidos em relacionamentos homossexuais, fazendo com que a nossa amostra final seja constituída por 173 casais ($n = 346$; 173 homens e 173 mulheres), com idades compreendidas entre os 18 e os 59 anos ($M = 30.94$; $DP = 10.62$). Relativamente à nacionalidade, 97.40% ($n = 337$) são Portugueses, 1.45% ($n = 5$) Brasileiros, e os restantes 0.87% ($n = 3$) são da Rússia, Andorra ou Angola. No que concerne ao grau de escolaridade, 40.75% ($n = 141$) possuem um bacharelato/licenciatura, 35.26% ($n = 122$) o ensino secundário,

15.90% ($n = 55$) o mestrado, 6.36% ($n = 22$) o ensino preparatório e 1.73% ($n = 6$) o doutoramento. A maior parte dos participantes namoram, $n = 198$ (57.23%), e 28.03% ($n = 97$) são casados, 13.00% ($n = 45$) vivem em união de facto, 1.16% ($n = 4$) têm uma relação casual e 0.58% ($n = 2$) estão noivos. No que diz respeito à duração da relação, 44.51% ($n = 154$) encontram-se na relação há mais de 5 anos, 23.99% ($n = 83$) entre 1 e 3 anos, 22.25% ($n = 77$) entre 3 e 5 anos, 8.67% ($n = 30$) entre 3 e 12 meses, e 0.58% ($n = 2$) há menos de 3 meses. A maioria dos participantes, $n = 192$ (55.49%), vivem com os seus companheiros.

Tabela 1. Características sociodemográficas.

		<i>n</i>	%
<i>Género</i>	Masculino	173	50.00
	Feminino	173	50.00
<i>Orientação sexual</i>	Heterossexual	340	98.27
	Bissexual	6	1.73
<i>Escolaridade</i>	Ensino preparatório	22	6.36
	Secundário	122	35.26
	Bacharelato/Licenciatura	141	40.75
	Mestrado	55	15.90
	Doutoramento	6	1.73
<i>Tipo de relação</i>	Namoro	198	57.23
	Casamento	97	28.03
	União de facto	45	13.00
	Casual	4	1.16
	Noivado	2	0.58
<i>Duração da relação</i>	Menos de 3 meses	2	0.58
	De 3 a 12 meses	30	8.67
	De 1 a 3 anos	83	23.99
	De 3 a 5 anos	77	22.25
	Mais de 5 anos	154	44.51
<i>Coabitação</i>	Sim	192	55.49
	Não	154	44.51
<i>NSE</i>	Baixo	8	2.31
	Médio-baixo	78	22.54
	Médio	217	62.72
	Médio-alto	40	11.56
	Alto	3	0.87
<i>NSE do companheiro</i>	Baixo	10	2.89
	Médio-baixo	72	20.81
	Médio	206	59.54
	Médio-alto	53	15.32
	Alto	5	1.45
<i>Dependência emocional anterior</i>	Sim	55	15.90
	Não	288	83.24

Em termos do nível socioeconómico (NSE), 62.72% ($n = 217$) identificam-se com o NSE médio, 22.54% ($n = 78$) com o médio-baixo, 11.56% ($n = 40$) com o médio-alto, 2.31% ($n = 8$) com o baixo, e 0.87% ($n = 3$) com o alto. Relativamente à perceção do NSE do companheiro, 59.54% ($n = 206$) consideram que era médio, 20.81% ($n = 72$) médio-baixo, 15.32% ($n = 53$) médio-alto, 2.89% ($n = 10$) baixo, e 1.45% ($n = 5$) alto. Utilizando uma escala de Likert de 7 pontos, os participantes referem que estão, em média, bastante satisfeitos com o seu relacionamento amoroso ($M = 6.50$; $DP = 0.73$), e que não se sentem economicamente dependentes dos seus companheiros ($M = 1.86$; $DP = 1.52$). Quando questionados se se sentiam emocionalmente dependentes de companheiros anteriores, 15.90% ($n = 55$) respondem afirmativamente e 83.24% ($n = 288$) respondem negativamente.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico

Os participantes responderam a questões sociodemográficas, como o género, idade, nacionalidade, orientação sexual, estatuto socioeconómico e escolaridade. Este questionário contém ainda informação acerca da relação amorosa, nomeadamente o tipo de relação, a duração da relação, a satisfação com o relacionamento, coabitação, estatuto socioeconómico do companheiro, perceção de dependência económica do companheiro atual (utilizando uma escala de Likert de 7 pontos) e perceção de dependência emocional de companheiros anteriores.

Questionário de Dependência Emocional (QDE; Hoyos & Arredondo, 2006)

Este questionário tem como objetivo avaliar a dependência emocional sentida por cada elemento do casal numa relação amorosa. É composto por 23 itens aos quais os participantes respondem utilizando uma escala de Likert de 6 pontos, de 1 (*Não me descreve*) a 6 (*Descreve-me perfeitamente*). O QDE tem seis fatores, nomeadamente: i) Ansiedade de separação (e.g., “Se discuto com o(a) meu companheiro(a) fico com medo que ele(a) deixe de me querer.”); ii) Expressão afetiva (e.g., “Preciso que o(a) meu companheiro(a) me veja como sendo a pessoa mais especial do mundo.”); iii) Modificação de planos (e.g., “Se tenho outros planos e o(a) meu companheiro(a) aparece, acabo por mudá-los só para estar com ele(a).”); iv) Medo da solidão (e.g., “Não tolero a solidão.”); v) Expressão Borderline (e.g., “Eu ameacei magoar-me para que o(a) meu companheiro(a) não me deixasse.”); e vi) Procura de atenção (e.g., “Faço tudo o que é possível para ser o centro de atenção na vida do(a) meu companheiro(a).”). O alfa de Cronbach para a escala total original (Hoyos & Arredondo, 2006) é de .927, demonstrando uma boa consistência interna.

Escala de autoestima de Rosenberg (EAR; Rosenberg, 1965; versão portuguesa, Pechorro et al., 2011)

A EAR foi utilizada para avaliar a autoestima dos participantes. É composta por 10 itens e inclui uma escala de Likert de 4 pontos, de 0 (*Discordo totalmente*) a 4 (*Concordo totalmente*). As pontuações médias são obtidas somando os itens após a reversão dos itens invertidos. Pontuações mais altas na escala indicam maior autoestima. Em termos de valores psicométricos, o EAR demonstra boa confiabilidade interna ($\alpha = .88$, Rosenberg, 1986; $\alpha = .79$, Pechorro et al., 2011).

Procedimentos

Inicialmente foi obtido junto dos autores do instrumento original (QDE) o consentimento para a sua adaptação e validação. Seguidamente, efetuaram-se os procedimentos de tradução e retroversão das escalas da versão original em língua espanhola para a língua portuguesa. Em específico, os itens da versão original foram traduzidos por dois investigadores experientes em ambas as línguas e conseqüentemente procedeu-se a uma discussão item a item sobre a sua adequação linguística. Efetuou-se depois a retroversão para a língua espanhola, trabalho este realizado por uma tradutora-especialista, e comparou-se a versão original e a versão espanhola retraduzida. Por fim, discutiu-se com os restantes membros do laboratório sobre a adequação de cada item das escalas à realidade linguística portuguesa e à temática dos relacionamentos íntimos.

Os casais foram recrutados através de redes sociais, nomeadamente do Instagram e do Facebook, assim como em cafés e restaurantes. As respostas dos participantes foram recolhidas presencialmente e em formato de papel, um casal de cada vez. Os elementos de cada casal ficavam sentados em mesas separadas, muito afastadas uma da outra, de modo a evitar qualquer contacto visual do companheiro e do seu questionário. A participação no estudo foi voluntária e o anonimato dos participantes foi garantido através de um código numérico, estando o acesso aos dados limitado aos investigadores do estudo. Após a explicação dos objetivos e procedimentos do estudo, os participantes assinaram o consentimento informado, de acordo com os procedimentos éticos do IRB da Universidade do Minho e da Declaração de Helsínki (1975, revista em 1983). As questões sociodemográficas foram apresentadas primeiro, seguidas do QDE e do EAR, de uma forma contrabalançada, ou seja, para metade dos participantes o QDE era apresentado antes do EAR, enquanto que para os restantes participantes a ordem destes questionários era invertida. Depois de responderem às questões, cada participante colocou o seu questionário num envelope para garantir a segurança e o anonimato, sendo que os consentimentos informados foram mantidos separadamente. Em média, os participantes precisaram de 15 minutos para preencher todos os instrumentos de avaliação.

Análise de dados

Os dados recolhidos foram colocados em ambiente Excel e posteriormente importados para o software estatístico *IBM SPSS Statistics* (versão 26.0; Armonk, New Work, IBM Corp.),

com o objetivo de estudar as características psicométricas da versão portuguesa do instrumento, nomeadamente a validade de constructo, a validade convergente e a fidelidade. A análise foi iniciada pela distribuição das respostas para cada um dos itens por meio do cálculo dos coeficientes de assimetria e curtose. Após a análise fatorial exploratória testou-se em que medida o modelo teórico subjacente ao racional do instrumento original se ajustava aos dados empíricos do presente estudo, através de uma análise fatorial confirmatória (Floyd & Widaman, 1995; Maia, 1996; Stapleton, 1997; Thompson & Daniel, 1996). Para a análise fatorial confirmatória utilizou-se o software estatístico AMOS (Arbuckle, 1997). A validade convergente foi analisada por meio do cálculo dos valores de correlação bivariada com medidas de auto-estima (EAR). Por fim, os valores de consistência interna do instrumento foram avaliados por meio do cálculo do alfa de Cronbach.

Resultados

Os resultados encontram-se organizados em quatro partes: i) Validade de constructo; ii) Validade convergente; e iii) Análise da fidelidade. O critério de $p < .05$ foi utilizado para todos os testes.

Validade de constructo

Para examinar a validade de constructo realizou-se uma análise fatorial exploratória (AFE) de componentes principais com rotação Varimax. Para isso, inicialmente determinou-se se era possível proceder a uma análise dos componentes principais através do teste de esfericidade de Bartlett ($p < .001$) e do teste de Kaiser-Meyer-Olkin (.89). Contudo, uma vez que a versão original da escala apresentava seis fatores, e atendendo aos pressupostos teóricos que estiveram na base do desenvolvimento da escala, forçou-se a análise fatorial a extrair o mesmo número de fatores, resultando em seis fatores que explicam 62.35% da variância. Para analisar a distribuição dos itens pelas subescalas, seguiram-se as recomendações de Almeida e Freire (1997), Pasquali (2001) e Field (2013), segundo as quais são considerados significativos valores de saturação nos fatores iguais ou superiores a .30. Nenhum dos itens foi excluído por meio desse critério uma vez que todos os itens apresentam uma saturação, em pelo menos um fator, $\geq .44$.

A distribuição dos itens pelos fatores na versão portuguesa da escala são relativamente semelhantes à da versão original. Os resultados da solução de seis fatores colocam apenas problemas em 2 itens, nomeadamente no item 16, que na versão original saturava no Fator 3 (Modificação de Planos) e no item 17, que na versão original satura no Fator 1 (Ansiedade de Separação). No nosso estudo, ambos os itens saturam no Fator 6 (Procura de Atenção). Decidiu-se, no entanto, manter os itens 16 e 17 nos fatores originais (cuja saturação era $\geq .20$), devido à forte associação teórica que têm com os mesmos. A versão portuguesa da escala com os itens que compõem cada um dos fatores é apresentada na Tabela 2.

Tabela 2. Distribuição dos Itens pelos seis fatores do QDE.

Fator	Item
1 - Ansiedade de Separação	2. A ideia de ser abandonado(a) pelo meu companheiro(a) preocupa-me. 6. Quando o(a) meu companheiro(a) não me liga ou não aparece na hora combinada, fico angustiado(a) a pensar que ele(a) está zangado(a) comigo. 7. Quando o(a) meu companheiro(a) se ausenta por uns dias, sinto-me angustiado(a). 8. Se discuto com o(a) meu companheiro(a) fico com medo que ele(a) deixe de me querer. 13. Quando tenho uma discussão com o(a) meu companheiro(a) sinto-me vazio(a). 15. Tenho medo que o(a) meu companheiro(a) me abandone. 17. Não me sinto tranquilo(a) quando não sei onde está o(a) meu companheiro(a).
2 - Expressão Afetiva	5. Necessito constantemente de expressões de afeto do meu companheiro(a). 11. Preciso mesmo muito que o(a) meu companheiro(a) seja expressivo comigo. 12. Preciso que o(a) meu companheiro(a) me veja como sendo a pessoa mais especial do mundo. 14. Sinto-me muito mal se o(a) meu companheiro(a) não expressa constantemente afeto.
3 - Modificação de Planos	16. Se o(a) meu companheiro(a) quer fazer algo comigo, eu desmarco todas as atividades que tinha combinado para estar com ele(a). 21. Se tenho outros planos e o(a) meu companheiro(a) aparece, acabo por mudá-los só para estar com ele(a). 22. Quando tenho um relacionamento, eu afasto-me dos meus amigos. 23. Só me divirto quando estou com o(a) meu companheiro(a).
4 - Medo de solidão	1. Quando estou sozinho(a), sinto-me desamparado(a). 18. Sinto uma sensação de vazio quando estou sozinho(a). 19. Não tolero a solidão.
5 - Expressão Borderline	9. Eu ameacei magoar-me para que o(a) meu companheiro(a) não me deixasse. 10. Sou uma pessoa carente e frágil. 20. Sou capaz de fazer coisas imprudentes, como arriscar a minha vida, para manter o amor do(a) meu companheiro(a).
6 - Procura de Atenção	3. Para atrair o(a) meu companheiro(a) tento deslumbrá-lo(a) ou diverti-lo(a). 4. Faço tudo o que é possível para ser o centro de atenção na vida do meu companheiro(a).

De modo a determinar em que medida o modelo teórico subjacente ao racional do questionário se ajustava aos dados empíricos do presente estudo realizou-se uma análise fatorial confirmatória (AFC). Os participantes que deixaram pelo menos uma questão em branco ($n = 25$) ficaram excluídos da AFC. A AFC realizada com 321 participantes revela um ajustamento satisfatório do modelo de 6 fatores aos dados, depois dos erros dos itens 1 e 6, e 14 e 15 terem sido correlacionados para melhorar o ajuste do modelo (Figura 1). Como recomendado por Hu and Bentler (1999), analisaram-se múltiplos índices de adaptação dos modelos, incluindo o qui-quadrado [$\chi^2(213) = 541.72$], o índice de ajuste comparativo (CFI = .89), a raiz quadrada média do erro de aproximação (RMSEA = .06), o índice de ajuste normalizado (NFI = .83) e o incremental fit index (IFI = .89).

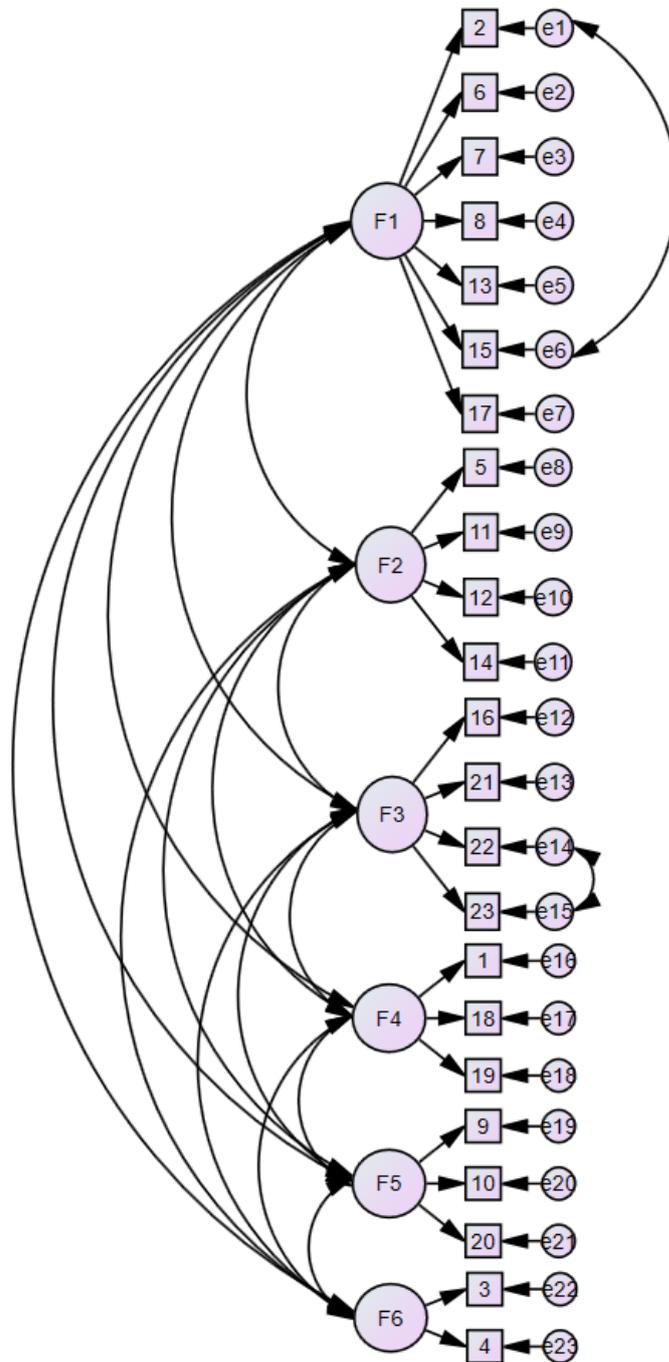


Figura 1. Análise Fatorial Confirmatória do QDE

Validade convergente

Para analisar a validade convergente do QDE foi utilizada a medida de auto-estima. Mais especificamente, foi usada uma correlação bivariada para associar as pontuações obtidas nas diferentes subescalas de ambos os instrumentos. Os resultados mostram correlações negativas estatisticamente significativas entre os seis fatores do QDE e a auto-estima (EAR), com exceção do Fator 6 (Procura de Atenção). Mais especificamente, quanto maior a auto-estima menor a ansiedade de separação ($r = -.27, p < .001$), a expressão afetiva ($r = -.17, p < .01$), a

modificação de planos ($r = -.16, p < .01$), o medo de solidão ($r = -.24, p < .001$) e a expressão borderline ($r = -.28, p < .001$).

Tabela 3. Correlações entre as subescalas do QDE e a EAR.

	1	2	3	4	5	6	7
1 - QDE Ansiedade de Separação	-	.66***	.52***	.54***	.49***	.47***	-.27***
2 - QDE Expressão Afetiva		-	.42***	.37***	.48***	.55***	-.17**
3 - QDE Modificação de Planos			-	.41***	.46***	.35***	-.16**
4 - QDE Medo de solidão				-	.42***	.23***	-.24***
5 - QDE Expressão Borderline					-	.32***	-.28***
6 - QDE Procura de Atenção						-	-.05
7 - Auto-estima (EAR)							-

Análise da fidelidade

Para determinar a consistência interna do QDE, foi calculado o alfa de Cronbach. Os resultados mostraram que o QDE tem uma boa consistência interna (.91). Este valor é semelhante ao obtido no estudo original (.92; Hoyos & Arredondo, 2006). Analisou-se ainda o valor do alpha de Cronbach quando se retira um item e verificou-se a importância de todos os itens para o instrumento.

Discussão

O presente estudo teve como principal objetivo validar para a população portuguesa o Questionário de Dependência Emocional (QDE – Hoyos & Arredondo, 2006), que avalia a dependência emocional no parceiro amoroso. As características psicométricas da versão portuguesa do instrumento foram analisadas, especificamente a validade de constructo, a validade convergente e a fidelidade. Os resultados analisados através da análise fatorial exploratória permitem-nos considerar como aceitável para a população portuguesa a estrutura de seis fatores do instrumento original, nomeadamente a ansiedade de separação, a expressão afetiva, a modificação de planos, o medo da solidão, a expressão borderline e a procura de atenção. Estes fatores explicam 62.35% da variância. Todos os fatores apresentam saturações iguais ou superiores a .40 – valores recomendados por Almeida e Freire (1997), Pasquali (2001) e Field (2013).

A literatura indica que o método da análise fatorial confirmatória é a melhor abordagem para a validação dos constructos (Pérez-Gil et al., 2000). Deste modo, foi testado um modelo de 6 fatores. Os resultados mostram que modelo teórico subjacente ao racional do instrumento original ajusta-se bem aos dados empíricos do presente estudo. Mais especificamente, os valores de NFI, CFI e IFI muito próximos a .90 e o de RMSEA de .06 demonstram um ajustamento satisfatório do modelo (Browne & Cudeck, 1993; Field, 2013; MacCallum & Austin, 2000; Shamseldin, 1997).

Relativamente à validade convergente, foi utilizada a Escala de Auto-estima de Rosenberg (EAR; Pechorro et al., 2011), pois estudos empíricos revelam uma forte associação entre este constructo e a dependência emocional (e.g., Castelló, 2005; Wei et al., 2005). Por exemplo, Urbiola et al. (2017) concluíram que quanto maior a dependência emocional nos jovens universitários, menor é a auto-estima. Além disso, a auto-estima já foi anteriormente utilizada para examinar a validade convergente de estudos de validação do QDE (e.g., Coppolino et al., 2015), apresentando resultados positivos. Os nossos dados demonstram que o instrumento tem um comportamento igualmente satisfatório relativamente à validade convergente, uma vez que seis fatores do QDE apresentam correlações negativas estatisticamente significativas com a auto-estima. Os níveis de consistência interna, avaliada pelo alfa de Cronbach ($\alpha = .91$), encontram-se acima do nível mínimo recomendado pela literatura ($\alpha = .70$; Kaplan & Saccuzzo, 2013). Estes resultados são semelhantes aos da escala original ($\alpha = .93$; Hoyos & Arredondo, 2006) e aos resultados obtidos no contexto italiano ($\alpha = .93$; Coppolino et al., 2015).

É também importante referir algumas limitações neste estudo. No momento da recolha de dados, apesar de termos separado fisicamente os membros dos casais de modo a que não conseguissem ter contacto visual um com o outro, como sabiam que o companheiro estava no mesmo espaço (e.g., café), podem não ter estado totalmente confortáveis a responder a alguns itens mais sensíveis deste questionário. A amostra foi heterogénea, abrangendo homens e mulheres com diferentes idades, escolaridade, coabitação, níveis socioeconómicos, tipos e duração de relação (Krejcie & Morgan, 1970; Nunes & Primi, 2005; Wachelke et al., 2016). Como a maioria dos participantes são heterossexuais, seria interessante alargar o estudo a casais homossexuais e estudar as dinâmicas da dependência emocional de uma forma mais abrangente. É ainda importante referir como limitação as críticas normalmente apontadas às medidas de autorrelato, como a deseabilidade social, possíveis dificuldades na compreensão das instruções e das perguntas, e potenciais défices na capacidade introspectiva do sujeito, que podem ter condicionado as suas respostas.

Em suma, através das análises estatísticas realizadas pode concluir-se que o processo de validação do QDE revelou ser satisfatório para a população portuguesa. Mais especificamente, os resultados mostraram que as qualidades psicométricas deste instrumento são muito semelhantes às do instrumento original e deste modo, apresenta itens consistentes com a teoria empírica caracterizada por um padrão relacional desadaptativo causado por uma extrema necessidade emocional direcionada ao seu companheiro, por expressões emocionais perante a possibilidade de término da relação, pela necessidade extrema do seu companheiro, pela modificação de planos para estar com o seu companheiro, o medo de ser abandonado e ficar sozinho e pelos comportamentos auto-destrutivos perante a possibilidade de término (Castelló, 2005; Hoyos & Londoño, 2006; Moral-Jiménez & Sirvent-Ruiz, 2009).

Este problema tem vindo a ser cada vez mais diagnosticado pelos terapeutas (Salcedo & Serra, 2012), mas continua a existir uma lacuna muito grande de informação empírica sobre esta dependência (Bution & Wechsler, 2016). Deste modo, acredita-se que este estudo poderá ter contribuído para os investigadores e os especialistas na área da psicologia em Portugal

terem a possibilidade de utilizar um instrumento adaptado à população, para avaliar os níveis de dependência emocional em indivíduos com relacionamentos amorosos. É importante salientar que a dependência emocional e a violência doméstica estão relacionadas (Marcos et al., 2020) e que, por isso, este estudo também poderá contribuir para uma maior compreensão deste fenómeno, facilitando assim o desenvolvimento de teorias e estratégias de intervenção que os psicólogos poderão colocar em prática durante as consultas, promovendo assim a independência no casal e o restabelecimento de relações amorosas saudáveis.

Referências

- Aiquipa, J. J. (2012). Diseño y validación del inventario de dependencia emocional–IDE. *Revista de Investigación en Psicología*, 15(1), 133-145. <https://doi.org/10.15381/rinvp.v15i1.3673>
- Almeida, L.S., & Freire, T. (1997). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. APPORT.
- Alonso-Arbiol, I., Shaver, P. R., & Yárnoz, S. (2002). Insecure attachment, gender roles, and interpersonal dependency in the Basque Country. *Personal Relationships*, 9(4), 479-490. <https://doi.org/10.1111/1475-6811.00030>
- Arbuckle, J. L. (1997). *Amos Users' Guide: Version 3.6*. SmallWaters Corporation.
- Barbarias, O., Estévez, A., & Jaúregui, P. (2019). La dependencia emocional, como factor mediador en la relación entre apego y el abuso de drogas y alcohol en jóvenes. *Revista Española de Drogodependências*, 44(1), 44-58.
- Beck, A.T., Pretzer, J., Davis, D. D., Fleming, B., Ottaviani, R., Beck, J., Simón, K. M., Padesky, C., Meyer, J., Trexler, L., & Freeman, A. (1995). *Terapia cognitiva de los trastornos de la Personalidad*. Paidós Ibérica.
- Boparai, J. K, Singh, S., & Kathuria, P. (2018). How to design and validate a questionnaire: A guide. *Current Clinical Pharmacology*, 13(4), 210-216. <https://doi.org/10.2174/1574884713666180807151328>
- Bornstein, R. F., Geiselman, K. J., Eisenhart, E. A., & Languirand, M. A. (2002). Construct validity of the Relationship Profile Test: Links with attachment, identity, relatedness, and affect. *Journal of Personality Assessment*, 80(1), 67-74. <https://doi.org/10.1177/1073191102238195>
- Browne, M. W., & Cudeck, R. (1993). Alternative ways of assessing model fit. In K. A. Bollen & J. S. Long (Eds.), *Testing structural equation models* (136-162). SAGE.
- Bution, D. A., & Wechsler, A. M. (2016). Dependência emocional: Uma revisão sistemática da literatura. *Estudos interdisciplinares de Psicologia*, 6(1), 77-101. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2016v7n1p77>
- Camarillo, L., Ferre, F., Echeburúa, E., & Amor, P. J. (2020). Escala de Dependencia Emocional de La Pareja: Propiedades psicométricas. *Actas Españolas de Psiquiatría*, 48(4), 145-53.
- Castelló, J. (2000). Análisis del concepto "dependencia emocional". *I Congreso Virtual de Psiquiatría*.
- Castelló, J. C. (2005). *Dependencia emocional – Características y tratamiento*. Alianza.

- Cohen, R. J., Swerdlik, M. E., & Sturman, E. D. (2014). *Testagem e avaliação psicológica: Introdução a testes e medidas* (8ª ed.). Amgh.
- Coppolino, P., Ingrassia, M., Benedetto, L., & Aguglia, E. (2015). Measuring addictive relationships in couples: Psychometric properties of the Italian version of the Cuestionario de Dependencia Emocional. *Psicoterapia Cognitiva e Comportamentale*, 21(3), 303-318.
- Costa, S., Barberies, N., Griffiths, M. D., Benedetto, L., & Ingrassia, M. (2019). The Love Addiction Inventory: Preliminary findings of the development process and psychometric characteristics. *International Journal of Mental Health and Addiction*. <https://doi.org/10.1007/s11469-019-00097-y>
- Douglas, H. (1991). Assessing violent couples. *Families in Society*, 16(8), 525-535. <https://doi.org/10.1177/104438949107200902>
- Echeburúa, E., & Corral, P. (2010). Adicción a las nuevas tecnologías y a las redes sociales. *Adicciones*, 22(2), 91–96.
- Estévez, A., Chávez-Vera, M. D., Momeñe, J., Olave, L., Vázquez, D., & Irurizaga, I. (2018). The role of emotional dependence in the relationship between attachment and impulsive behavior. *Anales de Psicología*, 34(3), 438-445. <https://doi.org/10.6018/analesps.34.3.313681>
- Fernández, A., Pérez, E., Alderete, A. M., Richaud, M. C., & Fernández Liporace, M. (2010). ¿Construir o adaptar tests psicológicos? Diferentes respuestas a una cuestión controvertida. *Evaluar*, 10, 60-74.
- Field, A. (2013). *Discovering statistics using IBM SPSS Statistics: And sex and drugs and rock “n” roll* (4th ed.). Sage.
- Floyd, F. J., & Widaman, K. F. (1995). Factor analysis in the development and refinement of clinical assessment instruments. *Psychological Assessment*, 7(3), 286-299. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.7.3.286>
- Fonseca, P. N., Couto, R. N., Silva, P. G. N., Guimarães, C. L. C., & Machado, M. O. S. (2020). Evidências psicométricas do Cuestionario de Dependencia Emocional (CDE). *Avaliação Psicológica*, 19(1), 66-77. <https://doi.org/10.15689/ap.2020.1901.16791.08>.
- Henderson, S.N., & Cunningham, J.D. (1993). Women's emotional dependence on men: Scale construction and test of Russianoff's hypothesis. *Sex Roles*, 28(5-6), 317–334. <https://doi.org/10.1007/BF00289888>
- Hernandez, J. A., & Oliveira, I. M. (2003). Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(1), 58-69. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000100009>
- Hirschfeld, R. M. A., Klerman, G. L., Gouch, H. G., Barrett, J., Korchin, S. J., & Chodoff, P. (1977). A measure of interpersonal dependency. *Journal of Personality Assessment*, 41(6), 610–618. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa4106_6
- Hoyos, M. L., & Arredondo, N. H. L. (2006). Construcción y validación del Cuestionário de Dependencia Emocional en población colombiana. *Acta Colombiana de Psicología*, 9(2), 127-140.
- Jackson, C. (2012). Introduction: Marriage, gender relations and social change. *Journal of Development Studies*, 48(1), 1–9. <https://doi.org/10.1080/00220388.2011.629653>
- Jaramillo, C. J., & Hoyos, M. L. (2009). Esquemas desadaptativos tempranos en estudiantes universitarios con dependencia emocional. *Acta Colombiana de Psicología*, 12(2), 77-83.
- Kane, T. A., Staiger, P. K., & Ricciardelli, L. A. (2000). Male domestic violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 15(1), 16–29. <https://doi.org/10.1177/088626000015001002>
- Kaplan, R., & Saccuzzo, D. (2013). *Psychological testing: Principles, applications, and issues* (8th ed.). Wadsworth Cengage Learning.
- Kimberlin, C. L., & Winterstein, A. G. (2008). Validity and reliability of measurement instruments used in research. *American Journal of Health-System Pharmacy*, 65(1), 2276-2284. <https://doi.org/10.2146/ajhp070364>
- Krejcie, R. V., & Morgan, D. W. (1970). Determining sample size for research activities. *Educational and Psychological Measurement*, 30, 607-610. <https://doi.org/10.1177/001316447003000308>
- MacCallum, R., & Austin, J. (2000). Applications of structural equation modeling in psychological research. *Annual Review of Psychology*, 51, 201–226. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.51.1.201>
- Maia, J. (1996). Um discurso metodológico em torno da validade de constructo: Posições de um lisrelita. In L. S. Almeida, S. Araújo, M. M. Gonçalves, C. Machado & M. R. Simões (Eds.), *Avaliação psicológica: Formas e contextos* (Vol. IV, pp. 43-59). APPORT.

- Marcos, V., Gancedo, Y., Castro, B., & Selaya, A. (2020). Dating violence victimization, perceived gravity in dating violence behaviors, sexism, romantic love myths and emotional dependence between female and male adolescents. *Revista Iberoamericana de Psicología y Salud, 11*(2), 132-145.
- Meza, A. J. E. (2016). Dependencia emocional y actitudes frente a la violencia conyugal en mujeres violentadas del distrito de Pallanchacra en el departamento de Cerro de Pasco, 2015. *PsiqueMag, 5*(1), 77-95.
- Moral-Jiménez, M. V., & Sirvent-Ruiz, C. (2009). Dependencia afectiva y género: Perfil sintomático diferencial em dependientes afectivos españoles. *Interamerican Journal of Psychology, 43*(2), 230-240.
- Moral-Jiménez, M. V., & González-Sáez, M. E. (2020). Distorsiones cognitivas y estrategias de afrontamiento en jóvenes con dependencia emocional. *Revista Iberoamericana de Psicología y Salud, 11*(1), 15-30. <https://doi.org/10.23923/j.rips.2020.01.032>
- Moreno, M. J., & Osorio, N. S. (2013). Dependencia emocional en un grupo de mujeres denunciantes de maltrato de pareja. *Textos y Sentidos, 7*, 10-29.
- Nunes, C. H., & Primi, R. (2005). Impact of the sample size in the item and subject's parameters estimates under item response theory. *Avaliação Psicológica, 4*(2), 141-153.
- Pasquali, L. (2001). *Técnicas de exame psicológico – TEP*. Casa do Psicólogo.
- Pasquali, L. (2016). *TEP – Técnicas de Exame Psicológico: Os fundamentos* (2ª ed.). Vetor editora.
- Pechorro, P., Marôco, J., Poiães, C. & Vieira, R. (2011). Validação da Escala de Auto-estima de Rosenberg com adolescentes portugueses em contexto forense e escolar. *Arquivos de Medicina, 25*(5-6), 174-179.
- Pérez-Gil, J. A., Moscoso, S. C., & Rodríguez, R. M. (2000). Validez de constructo: El uso de análisis factorial exploratorio-confirmatorio para obtener evidencias de validez. *Psicothema, 12*(2), 442-446.
- Ponzetti, J. J., Cate, R. M., & Koval, J. E. (1982). Violence between couples: Profiling the male abuser. *The Personnel and Guidance Journal, 61*(4), 222-224. <https://doi.org/10.1002/j.2164-4918.1982.tb00319.x>
- Rathus, J. H., & O'Leary, K. D. (1997). Spouse-Specific Dependency Scale: Scale development. *Journal of Family Violence, 12*(2), 159-168. <https://doi.org/10.1023/A:1022884627567>
- Reynaud, M., Karila, L., Blecha, L., & Benyamina, A. (2010). Is love passion an addictive disorder?. *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse, 36*(5), 261-267. <https://doi.org/10.3109/00952990.2010.495183>.
- Salcedo, A., & Serra, E. (2012). *Amores dependientes. Teoría del apego como origen, mantenimiento y solución a la dependencia en el amor*. Tirant Humanidades.
- Santamaría, J. J., Merino, L., Montero, E., Cano, M., Fernández, T., Cubero, P., López, O., & González-Bueso, V. (2015). Perfil psicopatológico de pacientes con dependencia emocional. *Cuadernos de Medicina Psicosomática y Psiquiatría de Enlace, 116*, 36-46.
- Senn, T. E., Carey, M. P., Vanable, P. A., & Coury-Doniger, P. (2010). Partner dependence and sexual risk behavior among STI clinic patients. *American Journal of Health Behavior, 34*(3), 257- 266. <https://doi.org/10.5993/ajhb.34.3.1>
- Shamseldin, A. Y. (1997). Application of a neural network technique to rainfall-runoff modelling. *Journal of Hydrology, 199*(3-4), 272-294. [https://doi.org/10.1016/s0022-1694\(96\)03330-6](https://doi.org/10.1016/s0022-1694(96)03330-6)
- Siabato, E., & Salamanca, Y. (2015). Factores asociados a ideación suicida en universitarios. *Psychologia: Avances de la Disciplina, 9*(1), 71-81.
- Sirvent, C. (2000). Las dependencias relacionales (DR): Dependencia emocional, codependencia y bidependencia. In Fundación Instituto Spiral, *I Symposium Nacional sobre Adicción en la Mujer*.
- Sophia, E. C., Tavares, H., Berti, M. P., Pereira, A. P., Lorena, A., Mello, C., Gorenstein, C., & Zilberman, M. L. (2009). Pathological love: Impulsivity, personality, and romantic relationship. *CNS Spectrums, 14*(05), 268-274. <https://doi.org/10.1017/s1092852900025438>
- Stapleton, C. D. (1997). Basic concepts and procedures of confirmatory factor analysis. *Education Resources Information Center, 2*-17.
- Stiver, I. P. (1991). The meanings of dependency in female-male relationships. In Jordan, J. V., Kaplan, A. G., Miller, J.B., Stiver, I. P., & Surrey, J. L. (Eds.), *Women's growth in connection* (143-153). The Guilford Press.
- Sussman, S. (2010). Love addiction: Definition, etiology, treatment. *Sexual Addiction and Compulsivity, 17*, 31-45. <https://doi.org/10.1080/10720161003604095>.

- Tello, J. J. A. (2015). Dependencia emocional en mujeres víctimas de violencia de pareja. *Revista de Psicología*, 33(2), 411-437.
- Thompson, B., & Daniel, L. (1996). Factor analytic evidence for the construct validity of scores: A historical overview and some guidelines. *Educational and Psychological Measurement*, 56(2), 197-208. <https://doi.org/10.1177/0013164496056002001>
- Urbiola, I., Estévez, A., & Iraurgi, A. (2014). Dependencia Emocional en el Noviazgo de Jóvenes y Adolescentes (DEN): Desarrollo e validación de un instrumento. *Ansiedade y Estrés*, 20(2-3), 101-114.
- Urbiola, I., Estévez, A., Iruarrizaga, I., & Jauregui, P. (2017). Dependencia emocional em jóvenes: Relación con la sintomatología ansiosa y depresiva, autoestima y diferencias de género. *Ansiedade y Estrés*, 23(1), 6-11. <https://doi.org/10.1016/j.anyes.2016.11.003>
- Ventura, J., & Caycho, T. (2016). Análisis psicométrico de una escala de dependencia emocional en universitarios peruanos. *Revista de Psicología (Santiago)*, 25(1), 1-17. <https://doi.org/10.5354/0719-0581.2016.42453>
- Wachelke, J., Wolter, R., & Matos, F. R. (2016). Efeito do tamanho da amostra na análise de evocações para representações sociais. *Liberabit*, 22(2), 153-160. <https://www.redalyc.org/pdf/686/68649318002.pdf>
- Wei, M., Vogel, D. L., Ku, T. Y., & Zakalik, R. A. (2005). Adult attachment, affect regulation, negative mood, and interpersonal problems: The mediating role of emotional reactivity and emotional cutoff. *Journal of Counseling Psychology*, 52(1), 14-24.

Evidence of validity of the Portuguese version of the Emotional Dependency Questionnaire

Abstract

The main aim of this study was to translate and validate to Portuguese the Questionnaire of Emotional Dependency (QDE; Hoyos & Arredondo, 2006). QDE is an instrument for assessing emotional dependence in individuals who are in a romantic relationship. The sample consisted of 173 heterosexual couples (N = 346; 173 men and 173 women), aged between 18 and 59 years old (M = 30.94; SD = 10.62). Results revealed a factorial structure similar to the original scale, a high internal consistency ($\alpha = .91$) and good levels of convergent validity. Therefore, this questionnaire can be used in the Portuguese context in order to contribute to the research and knowledge about emotional dependence and, consequently, to facilitate intervention in clinical and forensic settings in individuals and couples who suffer with this problematic.

Keywords

Emotional dependence, romantic relationships, self-esteem, couples, validity.

Received: 04.01.2021

Revision received: 31.07.2021

Accepted: 01.09.2021